

A natureza e o ambiente: Rousseau revisitado

Márcio Flávio Salem Vidigal

Desembargador do TRT da 3ª Região

A despeito de todas as críticas já feitas ao criador do mito do *bom selvagem*, desde o nascimento deste em pleno iluminismo, é, no mínimo, curiosa, em tempos de ciência avançada dentro de um capitalismo hostil à natureza e à dignidade da pessoa, a presença já longeva e constante – inclusive em normas emanadas dos próprios Estados – do apelo à ecologia e à proteção do natural. Se de um lado se pode dizer que a preocupação dos governantes (pelo menos, de alguns deles) é com um catastrófico *fim do mundo* provocado pela destruição desenfreada do *habitat* humano, tudo indica que não é bem esta a posição dos ecologistas autênticos. A diferença está em que para estes a natureza há de ser preservada em razão da sua existência mesma e não para maior proveito a ser dela retirado.

Na outra ponta da corrente desse vasto tema está a indissociável questão da urbanização politicamente correta – que já virou ou já precisou virar ciência –, massacrada pela necessidade imperiosa da boa qualidade de vida, cujos contornos, aliás, servem a quem quiser moldá-la, como um líquido que toma a forma do recipiente em que é colocado.

Saciada, sem saber, por ostensivos engodos axiológicos, a vida urbana enfrenta, de algumas décadas para cá, além de outros, problemas de moradia, de locomoção e tantos que a ameaçam, entre os quais o lixo e a reciclagem alcançam o mais alto nível de preocupação nas metrópoles e nas megalópoles (sem falar, aqui, é claro, da miséria e da questão social dos chamados países periféricos). O mundo e o planeta sofrem o mesmo entulho.

Rousseau perscrutou o passado e adivinhou o futuro ao enaltecer a vida natural no campo e ver satisfeitas as necessidades do ser humano, *saciando-se sob um carvalho, dessedentando-se num ribeiro, deitando-se ao pé da mesma árvore que lhe forneceu o alimento*. Guardadas as *devidíssimas* proporções, é evidente. E foi coerente ao criticar a sociedade ornada com as sutilezas das ciências (e das artes...) e a obtusidade do comportamento uniforme, lançando farpas a um estereótipo criado pela própria artificialidade social, que lhe parecia vulgar e mesquinha. Tido e havido como misantropo, Jean-Jacques quis colocar o ser humano no seio da natureza e longe das desigualdades sociais. Eis aí a cidade alvejada. A metrópole e a megalópole. Enfim, a própria sociedade, que no contexto dos grandes centros atinge o mais alto grau de enganoso artificialismo. Na realidade, o *progresso* era o seu alvo; o progresso material, criado exatamente pela artificialidade que lhe é inerente. Atacou a indústria e se voltou contra a agricultura (!). E embora Russell o tenha feito o inventor das democracias

políticas pseudo-democráticas, Rousseau também proclamou que o primeiro homem que cercou um terreno e lembrou-se de dizer que aquilo lhe pertencia foi o real criador da sociedade civil, que ele entendia causadora de tantas misérias. Por isso, lamentou a ausência de alguém que, naquele momento, tivesse gritado aos seus semelhantes: *Guardai-vos de escutar este impostor!*

A sociedade moderna e – vá lá – a pós-moderna, esquecidas do caráter destrutivo do avanço utilitário incontido, têm se mostrado indiferentes aos efeitos nocivos do progresso material exaltado como um deus. Salvo em manifestações que vêm ganhando corpo a partir de um passado muito próximo. E, na ressalva, por razões muito distintas. Sejam aquelas dos que cercam terrenos ou não. O culto ao progresso e à civilização industrial sempre integrou os modelos capitalista e comunista. Com evidente agravante para o primeiro cuja lógica trocou a idéia de sociedade pela de mercado, como diz Touraine.

No campo individual, *Walden ou a vida nos bosques* foi uma experiência transcendental de Henry Thoreau, em cuja fonte chegou a beber o movimento *hippie* tanto tempo depois, valendo como uma revelação da necessidade de retorno ao campo. E sua *Desobediência civil*, junto com obras de outros autores, foi emblemática para a chamada geração *beat*, com todos os seus componentes iconoclastas de contracultura e sua extremada pregação de liberdade levada ao extremo do individualismo, de que também é acusado Rousseau. Contradição inexplicável, se é que alguma contradição se explica. Konrad Lorenz, zoólogo austríaco, prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1973, também deu sua contribuição à causa da preservação ambiental, derramando cores fortes no quadro da destruição da natureza. É isso que ele demonstra em *A demolição do homem – crítica à falsa religião do progresso* e *Os oito pecados mortais do homem civilizado*, ao abordar, entre outros, temas como a devastação do espaço vital e as armas nucleares.

Em uma passagem, diz Lorenz que dos oito pecados mortais do homem a ameaça mais fácil de ser evitada são as armas nucleares, porque contra a *bomba* há um remédio totalmente seguro: *basta não produzi-la ou não usá-la*. E quanto à devastação do espaço vital, lembrando os vínculos que estreitam os sentimentos éticos e estéticos, assinala que os responsáveis pela decisão da construção de uma rua não se importam com a destruição de boa porção de terras para dar lugar a lotes valorizados. Por isso, diz ele, *o encantador regato que serpenteia a aldeia é preso em canos, alinhado e coberto de galerias, e logo uma maravilhosa rua de aldeia se torna uma horrível rua de subúrbio*. Resultado de duplo descaso, pode-se acrescentar.

É por isso que, em breve, já não haverá ribeiro onde o bom selvagem possa matar a sua sede e saciar-se sob a árvore que lhe deu o alimento.